



O EXEMPLO DA EUROPA

Pedro Vaz Patto

Há quem diga que a União Europeia atravessa hoje a maior crise existencial da sua história. Há quem insista em salientar a sua irrelevância na esfera geopolítica (de que é exemplo a ausência de uma sua influência nos conflitos do Médio Oriente), ou o facto de ela não estar na vanguarda dos maiores progressos tecnológicos. Crescem as correntes eurocéticas em todos os países membros. Por outro lado, também há quem invoque alegados “valores europeus” para justificar e impor normas contrárias à matriz cristã da cultura europeia em matérias relativas à proteção da vida e da família.

Mas num mundo onde parecem abandonados os propósitos que, depois da Segunda Guerra Mundial, levaram a este historicamente inédito projeto (“a guerra, nunca mais”), quando, como afirmou Leão XIV, «a guerra voltou a estar na moda», é da maior oportunidade lembrar esses propósitos. Quando parece ruir o edifício que desde essa altura, embora com imperfeições, se foi construindo, uma ordem internacional baseada no direito e não na força (contra a desordem que até então tinha vigorado e culminou nessa guerra), é bom

salientar o progresso que isso representou.

Vem a propósito lembrar as palavras do Papa Francisco relativas à Europa proferidas por ocasião da atribuição do prémio Carlos Magno, em 6 de maio de 2016:

«No século passado, ela deu testemunho à humanidade de que era possível um novo começo: depois de anos de trágicos confrontos, culminados na guerra mais terrível de que se tem memória, surgiu – com a graça de Deus – uma novidade sem precedentes na história. As cinzas dos escombros não puderam extinguir a esperança e a busca do outro que ardiam no coração dos Pais fundadores do projeto europeu. Estes lançaram os alicerces de um baluarte de paz, de um edifício construído por Estados que se uniram, não por imposição, mas por livre escolha do bem comum, renunciando para sempre a guerrear-se. Finalmente, depois de tantas divisões, a Europa reencontrou-se a si mesma e começou a edificar a sua casa.»

São João Paulo II, Bento XVI e Francisco várias vezes salientaram as raízes cristãs da cultura europeia como a sua “alma”. Mas importa não confundir a fidelidade a essas raízes

com uma simples marca identitária em combate com outras culturas. É essa visão distorcida da identidade cristã que leva a invocar (também em Portugal) essa identidade para recusar o acolhimento de imigrantes de outras religiões. Essa postura não corresponde à verdadeira fidelidade ao cristianismo e à sua mensagem de amor universal, mais importante do que a preservação de monumentos, sinais externos e tradições. Essa fidelidade leva à rejeição dos egoísmos nacionais e da hostilidade ao estrangeiro, e não o contrário.

Uma declaração do passado dia 6 de fevereiro, subscrita pelos presidentes das conferências episcopais italiana, francesa, alemã e polaca afirma de forma lapidar: «O Mundo precisa da Europa». Precisa do seu exemplo de experiência histórica de relacionamento pacífico e solidário, que superou séculos de conflitos e guerras. Precisa do seu testemunho de autêntica fidelidade às suas raízes cristãs. Esse testemunho – afirma também esse documento – deve partir dos cristãos «chamados a partilhar com todos os habitantes do continente europeu a sua esperança de uma fraternidade universal». ■